

ENTRELAÇOS DOCENTES: DESAFIOS E ENFRENTAMENTOS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Beatriz da Silva Corrêa Paes¹

Anderson Batista de Pontes²

Vivian Rocha Ferreira³

Fabiano Lange Salles⁴

INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute os desafios e enfrentamentos na construção de uma educação antirracista no ensino fundamental em escolas públicas, a partir das experiências docentes entrelaçadas. Utilizando a metodologia das narrativas autobiográficas, os autores recorrem à autoentrevista para refletir sobre os obstáculos enfrentados, como a resistência docente, a falta de formação específica e a escassez de materiais didáticos.

O texto promove um diálogo entre as experiências de uma professora de Geografia da rede municipal de Saquarema, de um professor de Artes Visuais e de uma coordenadora pedagógica da rede municipal do Rio de Janeiro, buscando compreender: de que maneira esses educadores lidaram com os desafios para implementar práticas antirracistas em seus respectivos contextos escolares?

Assim, entre laços e nós, narram-se percursos, enfrentamentos e tentativas de desatar o emaranhado racial ainda presente na educação brasileira. O estudo apresenta estratégias adotadas para superar barreiras como a formação continuada, pedagogia de projetos e colaboração entre educadores.

O estudo enfatiza o papel da escola como espaço essencial no combate ao racismo estrutural e destaca a necessidade de um ensino afrocentrado e representativo. A análise evidencia que a efetivação de uma educação antirracista exige ações individuais e coletivas, promovendo práticas inclusivas e transformadoras, em consonância com as Leis 10.639/03 e 11.645/08.

¹ Mestranda do programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica (MPPEB/Colégio Pedro II). beatrizscpaes@hotmail.com ;

² Mestrando do programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica (MPPEB/Colégio Pedro II)., guandiroo@gmail.com ;

³ Mestranda do programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica (MPPEB/Colégio Pedro II)., luvica32@gmail.com ;

⁴ Professor orientador: Professor Doutor do programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica (MPPEB/Colégio Pedro II)., fabianolangesalles@gmail.com ;;



METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa que se apoia na metodologia das narrativas autobiográficas, pois as “narrativas nos constituem como pessoas, como sujeitos, como identidades subjetivas [...] E é a partir delas que damos significado ao mundo à nossa volta.” (Ventura e Cruz, 2019, p. 430). As narrativas autobiográficas possibilitam uma profunda reflexão pessoal e profissional, acarretando em tomadas de decisões que geram impactos sobre o espaço que esse sujeito professor-pesquisador, e, também, narrador de sua própria história, ocupa. É por meio das memórias de uma vida que a narrativa se estabelece. No entanto, durante muitos anos, foi essa subjetividade e a aparente falta de métrica rigorosa, comum nas pesquisas qualitativas, que fez com que essa metodologia fosse vista com descrédito científico. (Santos; Estevam; Martins, 2018).

Para os autores, não haveria outro caminho para refletir sobre suas vivências como docentes comprometidos com uma educação de combate ao racismo sem analisar atentamente suas narrativas por meio da rememoração. Dessa forma, as narrativas autobiográficas foram construídas neste trabalho a partir de autoentrevistas, elaboradas com base em trocas anteriores, onde foram externalizadas vivências e trajetórias docentes que trouxeram à tona desafios e enfrentamentos para uma educação antirracista. Para que a autoentrevista funcionasse como um dispositivo desencadeador de memórias e auxiliasse no processo formativo, os autores formularam três perguntas para conduzir a reflexão na elaboração das narrativas: 1- O que você entende por uma educação antirracista? 2- Quais foram os desafios encontrados em sua trajetória para a construção de uma educação antirracista? 3- De que maneira você constrói uma educação antirracista e enfrenta os desafios apresentados?

Com o suporte das perguntas elaboradas em conjunto, foram gravados áudios respondendo essas questões em uma autoentrevista, a fim de produzir narrativas que contribuíssem para a prática docente em uma perspectiva antirracista através da reflexão sobre as suas vivências. Narrativas essas que deixam expostas as diferenças e semelhanças de cada experiência vivida. Para uma melhor contextualização dos indivíduos narradores, pontuamos que o que os aproxima é a docência na educação básica e o compromisso com uma educação antirracista, todos tem uma trajetória no ensino das relações étnica raciais. Neste texto, os enfrentamentos e desafios são narrativas de uma professora negra generalista, formada em pedagogia e que atualmente atua como coordenadora pedagógica de uma escola municipal do Rio de Janeiro, temos também uma



professora branca de geografia que atua nos anos finais do Ensino Fundamental na rede municipal de Saquarema e um professor branco de artes visuais que atua com os anos iniciais do Ensino Fundamental na rede municipal do Rio. Percebemos sujeitos distintos, mas que em meio as suas diferenças, se entrelaçam nos percursos de uma educação antirracista.

A análise das narrativas produzidas nas autoentrevistas ocorre a partir dos entrelaces desses professores, naquilo que em memória narrada se mistura como vivência compartilhada. Ao ouvir os áudios produzidos e partilhados pelos autores, identificam-se experiências comuns em meios às distâncias também existentes. Desta forma, as autoentrevistas resultam em seções a serem analisadas na trajetória de uma educação antirracista, os desafios e os enfrentamentos. Escolhe-se, assim, como caminho metodológico destacar os entrelaçamentos e aquilo que os aproxima em suas narrativas autobiográficas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A análise das práticas e desafios enfrentados pelos professores que narram suas trajetórias resulta de inquietudes surgidas a partir das leituras de Bárbara Carine Pinheiro, em *Como ser um educador antirracista* (2023), e Djamila Ribeiro, em *Pequeno Manual Antirracista* (2019). Autores como Eliane Cavalleiro (2021), Nilma Lino Gomes (2012, 2017, 2019) e Kabengele Munanga (2019) contribuem para refletir sobre uma educação que enfrente o racismo.

A escola é um espaço de potência e transformação social, essencial na formação de cidadãos críticos. Contudo, para alcançar uma sociedade mais equitativa, é imprescindível identificar e combater o racismo no ambiente escolar.

A desconstrução do racismo exige postura ativa e crítica, baseada na reflexão sobre privilégios, práticas institucionais e discursos que sustentam desigualdades. A educação antirracista, ao valorizar culturas historicamente marginalizadas e questionar estruturas de poder, torna-se aliada fundamental na mudança social. Como afirma Cavalleiro (2021, p. 143), “muito avançamos no entendimento de como a discriminação e o preconceito racial operam nas escolas. Muito falamos, mas pouco mudamos o quadro social.”

No Brasil, essa educação está vinculada às conquistas do Movimento Negro Unificado e às Leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornaram obrigatórios os ensinamentos de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena. Essas legislações promovem a valorização das identidades negras e indígenas e a desconstrução de estereótipos racistas.



Para Gomes (2012), sua implementação representa avanço na abordagem das relações étnico-raciais; para Munanga (2019), constitui instrumento de combate às desigualdades e de promoção da igualdade.

O referencial teórico fundamenta-se na compreensão do racismo estrutural e na importância da educação antirracista como instrumento de transformação social. Com base nisso, o estudo analisa os desafios enfrentados por docentes da educação básica na implementação de práticas antirracistas e suas estratégias cotidianas.

Nilma Lino Gomes (2017) enfatiza que essas práticas são indispensáveis desde a infância, quando se formam as percepções sobre raça e identidade. A escola deve, portanto, desnaturalizar o racismo e valorizar as contribuições da população negra à sociedade brasileira.

Esses relatos revelam a articulação entre teoria e prática, mostrando como as legislações antirracistas auxiliam na desconstrução de estereótipos e na valorização das identidades. As experiências docentes apontam a urgência de transformar o currículo e as práticas pedagógicas, para que a escola seja um espaço inclusivo e acolhedor. Assim, é preciso evidenciar caminhos para consolidar uma educação antirracista nas escolas brasileiras, de modo que essas instituições contribuam efetivamente para desconstruir o racismo estrutural e promover uma sociedade mais justa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base em narrativas autobiográficas, os docentes discutem os desafios e enfrentamentos para a construção de uma educação antirracista nas diferentes redes públicas de educação em que atuam no estado do Rio de Janeiro. Os resultados apontam para experiências compartilhadas onde os principais desafios enfrentados são a resistência institucional, muitas vezes de sujeitos que ocupam posições de gestão, a falta de formação docente que contribua para o desenvolvimento de uma Educação para as Relações Étnico-Raciais, onde ainda persistem currículos eurocentrados, além dos poucos materiais didáticos e paradidáticos que possibilitam um ensino com foco em uma educação antirracista.

Como estratégias de enfrentamento aos desafios encontrados em suas trajetórias, os autores destacam que é preciso ter uma mudança em sua postura individual, onde seja possível a "desconstrução e reconstrução" pessoal para combater os vieses racistas que permeiam tanto as práticas educacionais quanto a sociedade em geral. Também existe a necessidade de buscar formações continuadas que contribuam para uma Educação que



combata o racismo e pense as Relações Étnico-Raciais, assim como a pedagogia de projetos e a colaboração entre pares.

O trabalho sinaliza que os enfrentamentos dos três professores mostram que a educação antirracista não é um caminho fácil, mas é um percurso necessário e transformador. Parte-se de um movimento de desconstrução e formação pessoal, que avança para a implementação de práticas pedagógicas inclusivas e coletivas, em uma constante luta contra as estruturas racistas presentes na sociedade e no ambiente escolar. A transformação e o desenvolvimento de uma educação antirracista exige coragem, colaboração e perseverança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de narrativas autobiográficas por meio do entrelaçamento de experiências docentes permite uma reflexão profunda sobre as práticas pedagógicas, promovendo um processo formativo significativo. Assumir o compromisso com a educação antirracista exige atenção constante aos desafios e disposição para enfrentá-los. Desta forma, trata-se de um movimento complexo e contínuo, que vai além da revisão de práticas pedagógicas, demandando também transformações estruturais nos espaços ocupados.

O desenvolvimento de uma educação antirracista não pode se limitar em ações pontuais, mas deve permear currículos, materiais didáticos e práticas pedagógicas de maneira vigilante e combativa. A partir das experiências narradas, percebe-se que os desafios enfrentados pelos professores vão desde a resistência institucional e a falta de formação continuada até a escassez de recursos adequados. No entanto, os enfrentamentos relatados demonstram que é possível construir caminhos para a superação desses obstáculos por meio da colaboração entre educadores, da pedagogia de projetos e da constante busca por formação crítica e reflexiva.

Concluimos que, embora a implementação de uma educação antirracista ainda enfrente desafios significativos, o movimento contínuo de professores comprometidos com esse interesse tem o poder de gerar importantes mudanças. O entrelaçamento de saberes, experiências e estratégias fortalece essa construção coletiva, demonstrando que a luta por uma escola mais justa e inclusiva é um caminho sem volta.

Assim, a construção de uma educação antirracista se dá como Dangbé, a divindade africana dos povos de Uidá na Costa da Mina ao qual é materializada pela imagem da cobra que morde a própria cauda, sendo a sua cabeça o começo, e a cauda, o fim. O círculo



ofídico que, para esses povos, é o símbolo do equilíbrio, do movimento, onde nada se inicia e nem finda, tudo avança, tudo retorna, isto é, o constante rodopio do universo, um anel deve também estar em constante movimento, em um ciclo que não se finda, tudo avança, tudo retorna, isto é, o constante rodopio do universo, um anel fechado (Melo, 2024).

Palavras-chave: Educação antirracista; Desafios; Enfrentamentos; Entrelaços; Narrativas docentes.

REFERÊNCIAS

- CAVALLEIRO, Eliane. S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6a ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- GOMES, Nilma Lino. A implementação da Lei 10.639/03 no Brasil: avanços e desafios. **Cadernos Penesb**, v. 5, n. 12, p. 99-117, 2012.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.
- MELO, João Gustavo. **Arroboboi, Dangbé**. Liesa, 2024. Disponível em: <https://liesa.globo.com/memoria/outros-carnavais/2024/viradouro/enredo.html>. Acesso em: 07 dez. 2024
- MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2019
- PINHEIRO, B.C.S. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta Brasil, 2023
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: 1ª Companhia das Letras, 2019.
- SANTOS, Jociane Marthendal Oliveira; ESTEVAM, Rebeca Anselmo; DE MELO MARTINS, Thiago. **Pesquisa (auto) biográfica. Ensaios Pedagógicos**, v. 2, n. 1, p. 45-53, 2018
- VENTURA, Lidnei; CRUZ, Dulce Márcia. Metodologia de narrativas autobiográficas na formação de educadores. **Revista Diálogo Educacional**, v. 19, n. 60, p. 426-446, 2019.

